



“Estávamos à beira de uma volta inflacionária em proporções que não víamos desde 1994”

35 9 “É fundamental investir em educação”

Pedro Cavalcanti elogia modelo da Coréia

Traçar políticas de desenvolvimento para o país não é tarefa fácil, porque são medidas de longo prazo e dependem essencialmente de investimentos maciços em educação. Essa é a principal argumentação do economista Pedro Cavalcanti Ferreira, coordenador do Mestrado em Finanças e Economia Empresarial da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas.

– Muitas vezes, as medidas tomadas só vão gerar benefícios para uma próxima geração. Isso obviamente transforma as políticas de crescimento num animal muito delicado, porque é preciso olhar para frente.

Analisando a experiência de outros países, o economista observou que nenhum país do mundo conseguiu se desenvolver recentemente com os níveis e a qualidade educacional do Brasil.

– O milagre brasileiro foi ter crescido 10% ao ano, tendo o nível educacional que tinha – diz, numa crítica ao abandono da educação nos governos militares.

Foi a senha para Reis Velloso, ex-ministro de governos militares, lembrar que “o paradigma industrial e tecnológico era outro”. Cavalcanti concordou.

– Nos anos 50 e 60, o setor público brasileiro era rico, tinha uma outra capacidade de financiamento. Ho-

je, é um sorvedor de líquido. Antes era um poupador.

Cavalcanti lembrou que as experiências bem-sucedidas de crescimento, como a Coréia ou o Japão, são resultados de avanço “brutal” na educação.

– Investir em educação é fundamental. Na Coréia há hoje uma geração de analfabetos levando filhos e netos para a universidade. O país está hoje entre os cinco mais educados do mundo e era o quinquagésimo em 1950. Ao mesmo tempo, o Brasil tem hoje significativamente menos educação – diz.

Para estabelecer essas políticas, o professor da FGV considera importante ter os chamados fundamentos macroeconômicos, como inflação e gastos públicos, sob controle. Assim, ele acredita que o governo Lula vem agindo corretamente na condução da política econômica do país por considerar que o “esforço” realizado até agora é uma pré-condição importante para o crescimento.

– Depois daquela gritaria do primeiro trimestre, as pessoas estão começando a perceber que aquilo era necessário. Estávamos à beira de uma volta inflacionária em proporções que não víamos desde 1994. Hoje, estão começando a dizer que o Banco Central que está aí é sério, talvez tenha sido até sério demais – pondera ele.